

EDUCAÇÃO E PROTESTO

**NO RASTRO DAS ESCOLAS E GRUPOS RACIONALISTAS E
SINDICAIS E AS REIVINDICAÇÕES OPERÁRIAS EM SÃO PAULO
NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XX**

Kauan Willian dos Santos; Bruno Caccavelli

2016

Introdução

O movimento operário na Primeira República, seus militantes, vetores políticos bem como seus instrumentos comunicacionais, já foram comumente abordados pela “História do Trabalho no Brasil”, principalmente envolvendo os temas do movimento operário, cultura proletária ou trabalhista, imigração e sobre as amplas iniciativas educativas que tais personagens disseminaram durante suas trajetórias no país. Não obstante, tais temas ainda estão ganhando novas dimensões e aprofundamentos a partir do desenvolvimento de pesquisas recentes.¹ Entre as correntes ligadas a essa área, conhecida como a “história vista de baixo”, que teve representantes como Edward Thompson e Christopher Hill, fora do país já em voga desde o início da segunda metade do século XX, mas que no Brasil consolidava nas décadas de 1980 e 1990, principalmente pelos autores Sidney Chalhoub, Sílvia Lara e Claudio Batalha, tentando desmistificar uma interpretação que viu o nascimento de determinados partidos de esquerda como a tomada de consciência da classe trabalhadora e tentou rever a constituição da classe trabalhadora, tanto através do que se convencionou chamar de trabalho livre ou assalariado quanto as amplas iniciativas e manifestações políticas e culturais dos escravizados e sua relação com os primeiros.² Preocupados com os agentes negligenciados por uma antiga narrativa e suas relações com o desenvolvimento das instituições e da economia que moldam a sociedade, esses estudos se focaram, além das suas vertentes políticas desses trabalhadores, suas manifestações e práticas culturais, bem como suas propostas e visões sobre a sociedade em que viviam. Visando ainda entender todas essas variantes dentro de uma pesquisa, um novo fôlego também nas últimas duas décadas, inquiriu sobre as biografias desses agentes, a partir de dimensões micro-históricas, levando em consideração suas produções históricas como periódicos ou relatos pessoais confrontando-os com outras fontes, como fichas policiais, atas de congressos e fotografias.³

Outra grande influência recente são os estudos transnacionais das relações de trabalho ou de trabalhadores, principalmente disseminados pelo autor Marcel Van der Linden. Para o autor, essa perspectiva deve visar interpretar a história do capitalismo e dos trabalhadores a partir de conexões e o alargamento de limites cronológicos, conceituais e de espaço, ao mesmo tempo em que deve rejeitar o “nacionalismo metodológico” e o “eurocentrismo”.⁴ Nesse sentido, se analisadas as formas de resistência dos trabalhadores e grupos subalternos no Brasil, por exemplo, não devemos comparar ou julgar qual seria a forma supostamente mais eficaz ou organizada de luta nem tampouco transpor uma ideologia ou forma de organização sindical providas do continente europeu sem levar em consideração as especificidades, necessidades e problemas dos indivíduos analisados além de suas próprias considerações e formas de negociações que estavam ligadas a uma realidade concreta.

Diante disso, alguns temas que já pareciam ser superados no período da Primeira República como as propostas de educação providas do movimento operário emergiram novamente de forma significativa com novas problemáticas. Esse é o caso do estudo da biografia histórica de João Penteadado realizada pelo autor Fernando Antônio Peres. A partir da trajetória do militante, conhecido por ser o diretor da Escola Moderna e jornalista, a obra mostra principalmente o desenvolvimento do ideário de educação racionalista libertária na cidade de São Paulo interligando tal objeto aos temas da imigração, cultura proletária, movimento operário, divulgação de ideias através de periódicos e a confecção de ideologias e correntes políticas transnacionais, no caso o movimento anarquista.⁵

No caso do autor Luigi Biondi, seguindo os rastros das sociedades de socorro mútuo e a militância socialista de caráter étnica italiana, também mostrou que a relação entre esses temas e objetos podem ser muito mais complexos do que analisados anteriormente. Rebatendo uma tendência que já foi poderosa entre os pesquisadores que se debruçaram nesse tema - a influência hegemônica do anarcossindicalismo na

¹ Para adentrar alargamentos da “História do Trabalho” ver BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs). Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

² Para adentrar a “história vista de baixo” ver HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.280-300. Para adentrar a disseminação da “história vista de baixo” no Brasil ver MATTOS, Marcelo Badaró. E.P. Thompson no Brasil. Outubro. Rio de Janeiro, n.14, p. 83-110. fev.2006.

³ Como exemplo desse tipo de abordagem podemos citar SCHMIDT, Benito. Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868 – 1945). Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ LINDEN, Marcel Van der. História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. Revista Mundos do Trabalho, Santa Catarina, v.1, n.1, p.11-26, 2009. p.15.

⁵ Ver PERES, Fernando Antônio. João Penteadado: o discreto transgressor de limites. São Paulo: Alameda, 2012.

formação política do operariado - o autor adentra esse complexo quadro para investigar a trajetória dos grupos socialistas e sindicalistas não anarquistas. Assim, para Biondi, o socialismo integral transcende os aspectos partidários ou representativos, como foram conhecidos em muitos períodos de sua história. Dentro de suas propostas e práticas também figurava a proposta de educação integral e racionalista do operariado e foram significativos, junto com os militantes anarquistas, nesse período. Além disso, negando outras teses que defendem a predominância da forma de organização estrangeira no movimento operário na Primeira República, Biondi aponta que as ligas sindicais e sociedades mutualistas, mesmo aquelas de marca étnica italiana, contaram com um caráter classista e não excludente em suas formações, incluindo trabalhadores brasileiros e outros imigrantes que consideravam, a partir de suas necessidades e relações, diversas táticas de luta, algumas adaptadas a nova realidade mas outras formadas a partir dessa relação, mas que, entre outras, estava a própria educação racionalista, que deveria ser ensinada pelo e para os trabalhadores.⁶

Dessa forma, longe de demonstrar que a temática das propostas educativas dentro do movimento operário estava desgastada, esses estudos evidenciam as possibilidades de abrangência e profundidade do tema, uma vez que estas propostas foram desenvolvidas tanto a partir de necessidades individuais e coletivas, levando em consideração a realidade local, em dimensões culturais e sociais, quanto foram também o resultado do encontro e simbiose de ideologias e práticas políticas criadas a partir dos interesses e dilemas da classe trabalhadora de forma internacional, como o socialismo, o anarquismo e as práticas sindicais.

Levanto em consideração tal balanço, o presente artigo busca mapear algumas propostas e realizações pedagógicas provindas do movimento operário em São Paulo ainda não aprofundadas por essa bibliografia, em uma perspectiva local, relacionando essas práticas com a própria cultura da classe operária na cidade. Do mesmo modo, busca-se também compreender a confecção de tais táticas educativas dentro de algumas vertentes ideológicas internacionais e suas adaptações e influências nas mobilizações trabalhistas.

Ideologia e política nos bastidores das intencionas, grupos e escolas racionalistas.

"Que a escola racionalista é a escola do futuro não resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jesuíticos desta terra investiram contra as Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais das altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jesuíticos, reacionários, ultraconservadores e apoucados de juízo e de previsão social! [...] Eis aí a questão que o ponto está. Os trabalhadores tudo têm de fazer por seu impulso próprio. Nada têm de esperar dos governos, os quais nada farão que concorra para sua queda e para a libertação do operariado."⁷

Foi dessa maneira que o periódico *A Plebe*, em 1920, noticiou a repressão contra as intencionas educativas dos militantes no movimento operário na cidade. Nesse caso, as ideias políticas desenvolvidas no interior das culturas políticas de classe na região, como as sindicalistas, anarquistas, socialistas e republicanas radicais⁸, desde o início do século XX, tentavam criar ações educativas nos bairros operários através de conferências, palestras, bibliotecas, peças de teatro, escolas racionalistas, bem como o letramento da população mais desprovida.⁹ Logicamente, muitos ativistas estavam sendo influenciados pelos ideários iluministas, também presentes nas ideias positivistas e republicanas, que julgavam a falta de letramento um dos motivos do atraso moral e político das sociedades. Não obstante, para os militantes anarquistas, assíduos nessa empreitada, essa estratégia tinha particularidades muito próprias.¹⁰ Havia projetos paralelos ligados à educação em curso, mas que fundados a partir de interesses opostos aos trabalhadores nunca poderiam alcançar seus objetivos, pois apenas reproduziriam uma educação para garantir a posição das classes. Nesse caso, nem as escolas clericais, responsáveis por criarem uma espécie

⁶ Ver BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

⁷ *A Plebe*, 28 de fevereiro de 1920. p.4.

⁸ O republicanismo mazziniano, um tipo de nacionalismo de esquerda na unificação italiana difundia o associativismo de classe, o insurrecionalismo popular e a solidariedade internacional e influenciou os imigrantes italianos nas redes étnicas no continente americano. Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*

⁹ Para adentrar as medidas educativas nos bairros operários ver PERES, Fernando Antônio. *Op.cit.*

¹⁰ Para adentrar a relação entre positivismo e educação anticlerical ver SANTOS, Kauan Willian dos. *Anticlericalismo e militância sindical: o periódico anarquista A Lanterna e sua ação entre os trabalhadores em São Paulo (1901-1914)*. Revista Eletrônica Discente História.com, Cruz das Almas-Bahia, n.1, v. 2, p. 116-130, 2013.

de dominação a partir de mitos e crenças particulares estando nas mãos de indivíduos detentores desse poder, tampouco as escolas republicanas ou nacionais envolvidas com a ascensão dos grandes proprietários da produção e dos políticos parlamentares, poderiam resolver o problema do analfabetismo no país. Portanto, somente a escola fruto da própria iniciativa do proletariado e de sua organização constituiria uma considerável mudança. Para os redatores e militantes libertários como Edgard Leuenroth, Neno Vasco, Oreste Ristori, Florentino de Carvalho e Benjamin Mota e para muitos associados às práticas do sindicalismo revolucionário¹¹, era necessária a criação de entidades educativas ligadas às lutas contra a ordem social estabelecida, uma clara referência e influência de ativistas e teóricos como Piotr Kropotkin que, sobre o assunto, havia pensado:]

”Em nossa escola atual, formada para criar a aristocracia do saber, e dirigida até o presente por essa aristocracia dirigida clérigos, o desperdício do tempo é colossal, é absurdo. [...] Em toda a parte a história na escola é tempo absolutamente perdido para aprender nomes, leis incompreensíveis para as crianças, guerras, mentiras... convencionais... e em cada área o desperdício de tempo alcança proporções vergonhosas. E último termo haverá de se recorrer ao ensino integral; ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais fala ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se. Dever-se-á chegar à integração do trabalho manual com o trabalho cerebral [...], e então se verá a imensa economia de tempo e de pensamento que se realizará com os jovens.”¹²

Circulando internacionalmente, os dizeres do geógrafo e educador Kropotkin refletem o que pensavam muitos dos anarquistas e sindicalistas sobre o ensino. Este deveria estar preocupado com o desenvolvimento das capacidades humanas ligadas à prática, vinculando o trabalho manual e intelectual complementarmente, por isso racionalista. Essa mesma educação desenvolveria um tipo de consciência social, que estaria preocupada com o melhoramento da vida coletiva, fatores que desencadeariam condições tanto para que os trabalhadores pudessem realizar a vislumbrada revolução quanto para manter o novo sistema proposto.

Os socialistas, por sua vez, ainda inseridos em suas redes étnicas italianas, desprovidos também de um órgão especificamente político no país, já que até 1922 não tinham um partido eleitoral, além de suas notáveis investidas dentro das associações sindicais, mutualistas e de socorro mútuo também adentravam, criavam e impulsionavam as ações educativas e de lazer. Para os militantes em torno do periódico *Avanti!*, o socialismo deveria integrar vários aspectos da vida dos trabalhadores até que fosse criada uma simbiose entre o ideário de revolução socialista e as próprias práticas da população. Assim, para eles:

”O nosso partido reconheceu a necessidade de não limitar o socialismo à luta eleitoral, que é necessária e ótima para educar, disciplinar, organizar e fazer propaganda para as massas, mas que, sozinha, não pode compreender todos os aspectos da vida individual e coletiva [...] Estamos, portanto, vendo que o socialismo deve ser um socialismo integral, isto é, completo e complexo.”¹³

Citando as decisões do partido socialista italiano e de diversas discussões socialistas internacionais nesse âmbito, os militantes socialistas como Alceste De Ambris, Angelo Scala e Francisco Calvo, nessa empreitada, escolheram se associar aos diversos âmbitos dos bairros operários da cidade, incluindo as escolas e grupos racionalistas. Para eles, portanto, a educação ao trabalhador seria essencial para a construção de sua própria redenção, também disputando uma visão de educação, sob a ótica deles, impregnada com ideários burgueses ou clericais. Só essa nova educação, de baixo para cima, conseguiria manter um Estado socialista, almejado no futuro.

Através dos grupos de afinidade anarquista, dos grupos e jornais desses e de socialistas, sindicalistas e republicanos, a atividade educativa já era incentivada através de palestras, peças teatrais, criação de opúsculos e pequenas bibliotecas. Muitas vezes, um militante ou trabalhador letrado lia em voz alta as notícias de jornais em praças ou salões, uma vez que a maioria da população ainda não era

¹¹ Para um exame profundo das práticas do sindicalismo revolucionário no Brasil ver TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Unicamp, 2004 e OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

¹² KROPOTKIN, Piotr; RÉCLUS, Élisée. *Escritos sobre educação e geografia*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014. p.77-78.

¹³ *Avanti!*, 11 de julho de 1902. p.1.

letrada.¹⁴ Desde 1893, com a fundação do Centro Socialista Internazionale de São Paulo, criado em um salão na rua Líbero Badaró número 110, no bairro da Sé, que reuniu, em seus primeiros encontros, socialistas e anarquistas na tentativa de unir esforços para discutirem melhores táticas e estratégias para o florescimento de suas ideologias e para mobilizarem a população, decidiram, entre suas estratégias, a disseminação, a curto e longo prazo de uma educação que pudesse abarcar todos os excluídos da educação estatal e clerical.¹⁵

Os encontros entre política e educação no rastro das escolas e grupos racionalistas e combatentes

Mesmo sendo uma constante entre os objetivos dos militantes do movimento operário em São Paulo, parece que a criação de ambientes educativos com o viés mais político, com esses militantes mais assíduos envolvidos, tenha se consolidado a partir da segunda década do século XX. O ano de 1910, trouxe consigo um período de grande crescimento econômico da cidade de São Paulo. Mas, apesar de uma melhoria no mercado de trabalho, o que se via naquele momento era um aumento do custo de vida. Algumas greves, ainda que bastante isoladas, foram realizadas a partir de 1911, sobretudo entre os trabalhadores da construção.¹⁶ Em julho, por falta de pagamento de salários, entravam em greve “os trabalhadores empregados nos trabalhos da construção do canal do Tamanduateí, no trecho que fica entre as ruas da Mooca e Barão de Jaguará. Há quase três meses que esses operários não recebem o produto de seu trabalho. Consta que os empreiteiros fugiram.”¹⁷

Até 1913 algumas greves no setor de construções eclodiram, acompanhadas de iniciativas reivindicativas também em outras regiões, como em Ribeirão Pires em abril e maio de 1913. Em 1912, em São Paulo, uma paralisação parcial no setor de calçados conseguiu ser ampliada para uma grande mobilização de dez mil trabalhadores onde os militantes tentavam adentrar sob a forma de notícias ou continuando seus esforços de coordenação.¹⁸ Para alguns autores, esse comportamento mudou bastante nos quatro anos posteriores, antes das intensas agitações de 1917. Sheldon Maram defende que o movimento operário sofreu um declínio evidente, resultado da repressão contínua da polícia às manifestações e organizações juntamente com o constante desemprego que varria os centros industriais, causando instabilidade na vida da população e, por consequência, a dificuldade de sindicalização pelas constantes demissões e mobilidade dos trabalhadores. A repressão, por sua vez, teve alguns amparos legais em 1907 criadas pelos governantes ao visualizarem o potencial perigo das agitações para o projeto republicano, sancionadas pelo então presidente Rodrigues Alvez:

”O primeiro obrigava os sindicatos a depositarem seus estatutos em cartórios, acompanhados da lista de nomes dos membros da diretoria. Por ele, ficava proibida a participação sindical de estrangeiros que não tivessem, pelo menos, cinco anos de residência no país. O segundo, também conhecido como Lei Adolfo Gordo, regularizava a expulsão dos estrangeiros residentes no Brasil que, por qualquer motivo, comprometessem a segurança nacional ou a tranquilidade pública.”¹⁹

A partir de 1912, depois da eleição do militar Hermes da Fonseca dois anos antes e de outras articulações políticas dos grupos conservadores, as leis para a permanência de estrangeiros no país também ficaram mais rígidas, assim como o aumento de tentativas de expulsão.²⁰ Não sabemos as verdadeiras consequências dessas medidas já que a primeira, por exemplo, teve poucos efeitos sobre a militância mais assídua, pois a maioria dos principais personagens nesse período já estava no país desde o começo do século. Não obstante, é necessário salientar que em vários momentos atitudes arbitrarias das autoridades policiais eram colocadas em prática empastelando jornais ou entidades sindicais, principalmente

¹⁴ LEAL, Claudia. Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda anarquista na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Campinas-SãoPaulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Campinas.

¹⁵ Ver GODOY, Clayton. Ação Direta: Transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo. São Paulo, 2013. Tese (doutorado em ciências sociais) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. p.87-102.

¹⁶ BIONDI, Luigi. Op.cit., p.284.

¹⁷ A Lanterna, 15 de julho de 1911. p.4.

¹⁸ BIONDI, Luigi. Op.cit., p.280-285.

¹⁹ LEAL, Claudia Baeta. Op.cit., p.52-53.

²⁰ OLIVEIRA, Tiago. Op cit., p.224.

quando paralisações e manifestações eram planejadas ou realizadas.²¹ Essas medidas se somaram posteriormente a uma grande crise econômica, decorrente dos efeitos das guerras balcânicas seguidas da Primeira Guerra Mundial, no período de 1913-1916, inflacionando os preços de produtos de necessidade básica que afetou diversas partes do mundo causando severos danos também no mercado de trabalho paulista. Mesmo com esses fatores que possivelmente causaram a redução das atividades grevistas e do avanço dos sindicatos de orientação revolucionária, outros indícios evidenciam que essa desaceleração não significou a inércia do movimento militante na cidade, inclusive se levarmos em consideração que as agitações posteriores não podem ser creditadas simplesmente à continuidade das pressões econômica. Para Marcel Van der Linden, as greves e reivindicações evidentemente dependem das condições materiais para serem realizadas, mas também da motivação subjetiva dos personagens que as compõem que vão “recorrer a uma vasta gama de estratégias”²² e nem sempre dentro dos sindicatos. De fato, como apontado por Maram, houve uma queda da organização sindical exatamente pela forma móvel dos trabalhadores constantemente mudando de locais de emprego e de ofício, reduzindo também seu poder de barganha pelo excedente de força produtiva. Não obstante, uma insegurança estrutural sempre existiu na realidade desses personagens e, portanto, ligar a redução da atividade sindical à suposta apatia do movimento operário no quesito militante não é um exercício totalmente certo, já que esses não cessaram suas atividades mas sim, reinterpretabam suas táticas a partir das dificuldades encontradas.

Ademais, em alguns bairros operários, as atividades políticas não se concentravam em um sindicato ou liga. Na Mooca, por exemplo, essas não existiriam no bairro até ao menos 1915, quando a União Geral dos Trabalhadores se instalaria no número 292 da rua da Mooca.²³ Excetuando-se as atividades do Centro Libertário da Mooca, que atuou esporadicamente em 1914, entre 1909 e 1915 as associações da Mooca eram, quase todas, recreativas. É certo que algumas dela mantinham, em meio às práticas recreativas, atividades que indicavam valores da classe operária em formação – como indica a própria existência de uma Banda Operária da Mooca. Todavia, o papel de abrigo societário para socialistas e praticantes das estratégias do sindicalismo revolucionário num ambiente fora dos sindicatos mas que pudesse condensar as práticas políticas e educativas coube ao Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer.

Esse Círculo foi fundado em 1910 no bairro do Brás. A primeira reunião ocorreu na sede, na rua Martim Burchard, número 11, às 7 e meia da noite de 6 de junho, e foi aberta a todos os residentes da cidade. Naquele período em que esteve no Brás, passou por diversos endereços, como na rua Saião Lobato, número 28; rua do Gasômetro, número 159; rua Monsenhor Anacleto, número 38; e, em outubro do mesmo ano, voltou a ocupar o número 11 da avenida Martim Burchard.²⁴ Entre os seus organizadores estavam Angelo Scala e Francisco Calvo. O primeiro, italiano e operário mecânico, era também autor do folheto editado pelo grupo, chamado “Morale e Religione”.²⁵ Nascido na Campânia, mais especificamente em San Rufo, província de Salerno, Angelo era filho dos camponeses Antonio Scala e Maria Rosa Fanelli. Com seus pais e o irmão imigrou para o Brasil ainda muito jovem, por volta de 1897. No Brasil, atuou intensamente no movimento operário de São Paulo, ao lado de seu irmão, o socialista Giovanni Scala. Participou ainda das reuniões da Federação Operária de São Paulo e foi um dos líderes, ao lado do irmão, e de Giulio Sorelli, dos esforços de organização sindical dos trabalhadores.²⁶ Francisco Calvo era espanhol e operário sapateiro empregado na fábrica de calçados Clark, na Mooca, e tinha residência no mesmo bairro, no número 154 da rua da Mooca. Se empenhou na organização dos trabalhadores de seu ofício, a União Geral dos Sapateiros²⁹, da qual se tornou secretário em 1912, enquanto ainda fazia parte do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer.

²¹ Ver LEAL, Claudia. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Campinas-São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas.

²² LINDEN, Marcel Van der. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp, 2013. p.195.

²³ Fanfulla, 11 de dezembro de 1915.

²⁴ Idem, 01, 03, 12, 19 e 24 de junho de 1910, respectivamente.

²⁵ A Lanterna, 2 de setembro de 1911 e 18 de novembro de 1911.

²⁶ A Lanterna, 25 de novembro de 1911 e 25 de junho de 1912.

Em outubro de 1911, um grande comício realizado em comemoração à morte do libertário e pedagogo Francisco Ferrer y Guardia²⁷, a quem o grupo homenageou em sua nomenclatura, partiu exatamente daquele local. Muitos eram os manifestantes que andaram pelas ruas daquele bairro com a banda de música à frente indo se concentrar no largo da Concórdia, onde “perante uma grande massa de povo, falaram do coreto Leão Aymoré e A. Scala, pondo-se depois a coluna em marcha para o largo de S. Francisco.”²⁸ Tão grande o sucesso que não tardaram os organizadores em marcar um novo comício, desta vez no mês de novembro, “para comemorar os mártires de Chicago e lançar-se um protesto contra as guerras”²⁹. No entanto,

”[...] apesar de seus fins serem claramente conhecidos, a reunião não pôde realizar-se por proibição da polícia, que lhe atribuiu falsamente outros intuítos”. Por todas as grandes cidades do mundo civilizado ainda há pouco fez-se o mesmo em manifestações colossais. Em parte alguma foram proibidas. Em S. Paulo não se deu o mesmo. A polícia, mentindo infamemente, afirmou que a manifestação tinha por fim atacar o rei da Itália! Simplesmente ridículo!”³⁰

As tentativas por parte dos poderes públicos de coibir a manifestação não pararam na proibição, segundo o que contou no jornal anarquista e anticlerical A Lanterna. Um dia antes da programada e proibida manifestação, a sede do Círculo, em 10 de novembro, no momento em que estavam ali reunidos diversos sócios para tratar de uma festa de propaganda que seria – como de fato ocorreu – realizada no dia 18 daquele mês, foi invadida pela polícia, resultando em vinte e duas pessoas presas. Os redatores do jornal ainda relatavam:

”Alguns dos presos saíram dois dias depois, mas os companheiros Angelo Scala e Calvo só foram postos em liberdade na quinta-feira, apesar dos numerosos habeas corpus requeridos e prejudicados pela astúcia da polícia. O nosso companheiro Edgard Leuenroth também foi ameaçado de prisão, tendo a sua residência cercada durante dois dias. Até quando durarão estas infames violências?”³¹

Angelo Scala e Francisco Calvo, que foram soltos na quinta-feira, dia 16, possivelmente procurando demonstrar a sua resistência frente às incursões repressivas dos poderes públicos participaram da festa realizada no sábado seguinte, a mesma que estavam organizando na reunião realizada no dia fatídico da invasão. No salão Germânia, às 8 e meia da noite teve início

”[...] a festa de propaganda do Círculo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer. É o seguinte o seu programa: 1ª parte - Representação da peça em 2 atos, de Pedro Gori, Senza Patria; 2ª parte – Conferência; 3ª parte - Representação de uma comédia em um ato; 4ª parte - Recitativo do monólogo napolitano Il Cafone. Terminará a festa com um baile familiar.”³²

A edição do jornal Fanfulla de domingo, 19 de novembro, trouxe os resultados da festa:

”O resultado da festa de propaganda dada por este Círculo ontem à noite no salão ‘Germânia’ foi muito bom. As senhoras M. Barbieri, A. Fabbri, T. Camilli e os senhores G. Turola, A. Vergani, A. Avallone, T. Gesmaro, G. Panighelli, E. Fagiano e V. Richetti, intérpretes da amostra em dois atos ‘Senza Patria’ e uma farsa, foram muito aplaudidos.”³³

Entre aclamações e aplausos, a festa ganhou naquele momento uma dimensão simbólica de resistência e de demonstração de força, afirmando os valores do grupo e mobilizando nos discursos e nas apresentações uma forte carga emocional ativada pela solidariedade entre os inúmeros presentes, principalmente se lembrarmos que na ocasião da invasão da sede noticiou-se que o número de presos foi de vinte e dois ao total. Dos títulos exibidos, certamente o mais importante foi “Senza Patria” (Sem Pátria, em tradução livre), obra do anarquista Pietro Gori. O tema da conferência, o anticlericalismo, aliava-se ao drama de Gori e conferia ao evento um caráter não apenas de diversão, insinuado pela presença do baile e da comédia, mas sobretudo militante, ultrapassando o mero passatempo.

²⁷ Para acompanhar a trajetória do educador Francisco Ferrer ver SILVA, Rodrigo Rosa da. Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). São Paulo, 2013. Tese (doutorado em Educação) Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo.

²⁸ A Lanterna, 21 de setembro de 1911.

²⁹ Idem, 10 de setembro de 1911. p.2.

³⁰ Ibidem, 10 de setembro de 1911. p.2.

³¹ Ibidem, 18 de novembro de 1911. p.2.

³² Ibidem.

³³ Fanfulla, 19 de novembro de 1911. p.3.

Apesar do sucesso da festa, o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer encontrou dificuldades após a invasão da sua sede pela polícia. Era preciso, então, para a continuidade da própria existência da associação, encontrar um novo local a partir de onde pudessem preparar e realizar as atividades e organizar os trabalhadores. A residência de Francisco Calvo, no número 154 da rua da Mooca, serviu como endereço provisório de correspondência e local de reunião. A partir deste local, os socialistas Scala e Calvo e os redatores de A Lanterna, entre eles os anarquistas Benjamin Mota e Edgard Leuenroth, se esforçaram em reconstituir o grupo. Um pedido lançado através do jornal A Lanterna revela que, quando a polícia invadiu a antiga sede, não apenas prendeu os integrantes, mas provavelmente recolheu ou destruiu todo o material que encontraram no local:

”Esta associação de caráter educativo, fundada [...] com o fim de divulgar na classe trabalhadora o estudo da questão social em seus diversos aspectos, pede a todos os grupos editores de livros, folhetos, revistas e jornais para que lhe enviem exemplares das suas publicações.”³⁴

A busca pela reconstituição de uma biblioteca, algo diretamente ligado ao caráter educativo que a associação demonstrava tanto na sua nomenclatura quanto em suas palestras e aulas, aliava-se, naquele momento de reconstituição, à retomada da atuação do grupo no movimento operário em geral da cidade de São Paulo e à busca pela constituição de redes de solidariedade entre as associações, o que ficou explícito no restante da nota publicada: “desejando também travar relações com as agrupações avançadas de toda a parte, pede às mesmas que lhe comuniquem as suas iniciativas.”³⁵

Por outro lado, foi preciso reforçar também entre os antigos sócios a necessidade da volta à atividade. A comissão administrativa do grupo, que tinha entre seus componentes, além de Angelo Scala e Francisco Calvo, os italianos Lorenzo Basso, Giovanni Giacobbe e Jannicelli D’Alfonso, publicou por meio do jornal A Lanterna, que tinha também seus associados Benjamin Mota, Neno Vasco e Edgard Leuenroth, “um caloroso apelo a todos os seus associados, convidando-os a voltar à atividade indispensável para a continuação da sua obra de educação e propaganda social no seio da classe operária”³⁶. No documento, afirmavam a vontade de manter regularmente “todas as terças-feiras, às 7 e 1/2 horas da noite”³⁷, as reuniões costumeiras, “nas quais alguns companheiros fazem sempre palestras sobre a questão social e sobre noções de ensino prático.”³⁸

Os esforços de reorganização, tudo indica, tiveram resultados positivos. Em fevereiro de 1912, a associação anunciou a mudança definitiva da rua Martin Burchard para a rua da Mooca, número 132, onde teve a sua sala de leitura à disposição das pessoas que a queiram frequentar. Os pedidos feitos a todos os grupos editores dos jornais operários para que enviassem exemplares de suas publicações foram reforçados.³⁹

Sobre o funcionamento interno deste Círculo especificamente, as assembleias eram abertas também aos não inscritos, provavelmente com a intenção de conseguir mais filiados a quem pudessem difundir seus ideais sociais e que contribuíssem, financeiramente sobretudo, com a sua existência. As assembleias eram geralmente acompanhadas de palestras e aulas e, em alguns casos, comemorações. Na assembleia de 29 de agosto de 1911, a “ordem do dia”⁴⁰ era “leitura da ata da sessão anterior; Balanço do caixa social; Discussão sobre o movimento interno; Palestra proferida pelo senhor Angelo Scala.”⁴¹

Em outra assembleia, realizada em 26 de novembro de 1912, às 6 e meia da noite, praticamente os mesmos procedimentos se mantiveram:

[...]a assembleia ordinária dos sócios para discutir a seguinte ordem do dia: 1.Leitura da ata da assembleia anterior; 2.Nomeação de uma comissão para organizar uma festa; 3. Diversos. Por último o cidadão Angelo Scala falará sobre o tema: Parlamento e os partidos subversivos.⁴²

Os sapateiros voltaram a se reunir, ainda no mesmo mês, na sede do grupo. E não apenas os trabalhadores deste ofício se esforçavam em reuniões:

³⁴ A Lanterna, 25 de novembro de 1911. p.2.

³⁵ Idem, 25 de novembro de 1911. p.2.

³⁶ A Lanterna, 23 de dezembro de 1912. p.3.

³⁷ Idem.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Fanfulla, 6 de junho de 1910 e 28 de setembro de 1911.

⁴¹ Idem, 6 de junho de 1910 e 28 de setembro de 1911.

⁴² Ibidem, 25 de novembro de 1912. p.1.

”O grupo de pedreiros e serventes que está trabalhando pela constituição de uma sociedade de resistência da sua classe continua a promover diversas reuniões da mesma pelos arrabaldes desta capital [...]. Hoje á noite será realizada uma outra reunião no salão do Círculo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer, na rua da Mooca, 132.”⁴³

Em um domingo, dia 16 de março de 1912, às nove horas da manhã, realizou-se na sede do Círculo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer a reunião dos alfaiates com o intuito de se discutir sobre a “fundação de uma agremiação para dedicar-se à defesa dos seus interesses”⁴⁴. Também “os sapateiros das fábricas e particulares terão dentro em breve uma associação da sua classe.”⁴⁵ Os trabalhadores sapateiros logo conseguiriam o seu intento. Em maio de 1912, já se tinha notícias da União dos Sapateiros, cujo secretário era Francisco Calvo, um dos fundadores do Círculo.

Esse caráter educativo da associação, reforçado já no seu objetivo de fundação, que era o de “divulgar na classe trabalhadora o estudo da questão social em seus diversos aspectos”⁴⁶, fez com que os temas mais caros ao movimento operário pudessem ser vistos também nas diversas aulas, palestras e conferências que realizava. Logo que se instalou na nova sede, no número 132 da rua da Mooca, o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer se esforçou em montar uma sala de leitura. Quando ainda no Brás, o grupo promoveu uma lição de astronomia, que foi dividida em partes apresentadas em duas terças-feiras à noite.⁴⁷ É interessante notar que, para acompanhar a primeira lição de astronomia, realizada em 12 de setembro de 1911, estava prevista uma “comemoração da queda temporal do papa”, fato que amplia a utilização das lições de ciências, como a astronomia, ultrapassando a difusão do conhecimento e alcançando no teor explicitamente político da difusão do anticlericalismo. As palestras eram normalmente proferidas por nomes bastante conhecidos no meio operário, como o de Angelo Scala, mas também Leão Aymoré, secretário da Escola Moderna, ligado ao anarquismo⁵¹, e Paolo Mazzoldi, socialista e jornalista empregado no jornal Fanfulla, que em certa vez na sede do Círculo discutiu o tema “Trabalho e Educação.”⁴⁸

Por vezes, algumas datas importantes foram objeto de palestras, agregando a finalidade de difusão cultural aos eventos que se inseriam em um âmbito de coletividade e de identidade operária. Em 1912, para o dia 13 de Maio, o Círculo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer promoveu em sua sede a comemoração da data com uma palestra em que falaram “pela ocasião diversos oradores em italiano e em português.”⁴⁹ A comemoração da data, além de afirmar o internacionalismo, por ser proferido nos idiomas italiano e português, pode ser também um indício da presença de trabalhadores negros entre os associados.

Em maio de 1912 a associação promoveu, durante todo aquele mês, uma “conferência científica”⁵⁰ realizada por um “conhecido orador.”⁵¹ No mês seguinte, uma sessão de propaganda se realizou na noite de quinta-feira, 27 daquele mês, “na qual falarão diversos companheiros em português, espanhol e italiano”⁵². Os idiomas escolhidos refletiam novamente a composição do bairro, formado por pessoas oriundas de diversas nacionalidades, mas principalmente por italianos, espanhóis e portugueses, o que denota a tentativa por parte da associação de ampliar a sua atuação junto à população da Mooca – o que parece ser reforçado pela indicação de que “será franca a entrada para essa reunião”⁵³ –, e também dá indícios de que o próprio círculo era composto predominantemente por pessoas dessas etnias – basta lembrar que Scala era italiano, e Calvo, espanhol. Em julho, a reunião realizada na noite de sábado, 13, com entrada franca, foi dedicada exclusivamente a “uma sessão de propaganda sobre o 14 de julho”⁵⁴, aniversário da queda da Bastilha, evento largamente utilizado pelas associações do movimento operário

⁴³ A Lanterna, 16 de março de 1912. p.2.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Fanfulla, 11 de setembro de 1911 e 18 de setembro de 1911.

⁴⁸ Ver Fanfulla, 24 de outubro de 1910.

⁴⁹ Idem, 12 de maio de 1912. p.2.

⁵⁰ Ibidem, 19 de maio de 1912. p.3.

⁵¹ Correio Paulistano, 19 de maio de 1912. p.3.

⁵² A Lanterna, 9 de novembro de 1912. p.1.

⁵³ Idem, 9 de novembro de 1912. p.1.

⁵⁴ Ibidem, 13 de julho de 1912. p.2.

e cujo conteúdo das palestras sobre o tema giravam em torno da “evocação da Revolução Francesa como momento de nascimento da luta pela liberação do homem e a tarefa destinada ao movimento operário de continuá-la.”⁵⁵

Talvez a data mais importante para a associação, com exceção do Primeiro de Maio, dia do Trabalhador, em que se percebia um grande empenho do grupo na organização do evento entre os trabalhadores da Mooca e junto de outras sociedades, fosse aquela que lembrava do fuzilamento de Francisco Ferrer y Guardia, morto em 13 de outubro de 1909.⁵⁶

Essas comemorações eram aproveitadas tanto para difundir elementos educacionais mas também para organizar e integrar ambientes de combate. Em abril de 1913, o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer integrou a Liga Contra a Carestia de Vida, na verdade gestada ainda durante as comemorações do Primeiro de Maio do ano anterior⁵⁷, que realizou diversas agitações e comícios na maioria dos bairros da cidade buscando combater a “exploração dos condecorados ladrões de casaca”⁵⁸. Na referida Liga, o Círculo tinha a função, junto com os outros grupos, de preparar os comícios e de levar bandeiras e cartazes aos eventos. Entre os grupos integrantes da Liga, além do Francisco Ferrer, estavam Sindicato Operário de Ofícios Vários, Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes, União Gráfica, União dos Canteiros, Grupo Libertário Germinal e Círculo de Estudos Sociais Conquista do Porvir, revelando um intenso contato entre associações de trabalhadores de diversos bairros da cidade e de diferentes correntes do movimento operário.

Em 1915, o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer teria como sua última atuação a Comissão Internacionalista Contra a Guerra, “que agrupa as entidades da vanguarda do elemento avançado”⁵⁹. Nos comícios, os associados do círculo tiveram contato com diversos conhecidos militantes do movimento operário, entre anarquistas, socialistas e outros adeptos da estratégia do sindicalismo revolucionário, como Edgard Leuenroth, Vittorio Buttis, Passos Cunha e Ambrosio Chiodi. A partir de então, as dificuldades impostas pela crise econômica e pela desestruturação do mercado de trabalho, que já vinham se desenrolando desde o ano anterior, e a apatia que recaiu sobre o movimento sindical a partir do fim de 1914, refletiram-se sobre o grupo dificultando a sua atuação. Ainda em 1915, o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer deixou de atuar. Um de seus principais animadores, Angelo Scala, voltou à Itália recrutado para lutar na Primeira Guerra, e retornaria a São Paulo somente em 1919.⁶⁰

No entanto, essa tradição entre educação e mobilização operária tentando ser difundida através dos próprios espaços e símbolos dos trabalhadores deixaram brechas, no mesmo período e posteriormente, para a criação de outros grupos e associações com o mesmo intuito. O Centro Feminino Jovens Idealistas, fundado em 29 de junho de 1913, surgiu com o objetivo, na palavra das militantes, de “tratar por todos os meios da propaganda em favor da emancipação da mulher, isto é, tirá-la da escravidão em que hoje se encontra e colocá-la no lugar que lhe corresponde na sociedade”⁶¹. Com esse propósito, tratou, como elas afirmavam “de organizar as classes trabalhadoras em que haja mulheres e levar a seu seio a luz benéfica da verdade”⁶². Contudo, o Centro Feminino não teve vida fácil. As dificuldades financeiras em manter uma associação ficavam evidentes neste caso: “como, porém, esta associação não conta com recursos para começar a luta que se impôs sustentar, resolveu-se fazer uma rifa apelando nós para a boa vontade dos camaradas a fim de conseguirmos o que desejamos.”⁶³ Foi apenas em julho de 1915, quando já ocupava o número 292 da rua da Mooca, onde funcionavam ao mesmo tempo outros grupos escolares

⁵⁵ Ver BATALHA, Claudio. Nós filhos da Revolução Francesa: a imagem da Revolução Francesa no movimento operário brasileiro no início do século XX. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n.19, p. 233-249, 1991.

⁵⁶ Para examinar as datas comemorativas dos trabalhadores na Primeira República e sua relação com as culturas de classe ver BATALHA, Claudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (Org.). Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 95-119.

⁵⁷ A Lanterna, 19 de abril de 1913 e 6 de maio de 1912, respectivamente.

⁵⁸ Idem, 19 de abril de 1913. p.2.

⁵⁹ Ibidem, 1 de maio de 1915. p.3.

⁶⁰ TOLEDO, Edilene. Op.cit., 2004. p.376.

⁶¹ A Lanterna, 5 de julho de 1913. p.3.

⁶² Idem, 5 de julho de 1913. p.3.

⁶³ Ibidem.

libertários, que o grupo conseguiu dar vida a “[...] uma escola dominical, gratuita, para as operárias”⁶⁴. Sobre isso, afirmavam:

”Desejando o Centro Feminino Jovens Idealistas desenvolver uma ativa propaganda de instrução e emancipação entre o elemento feminino desta cidade, resolveu dar início a aulas dominicais gratuitas, de instrução primária, para mulheres e meninas, e fundar uma pequena biblioteca que contribua para dar maior impulso à obra da escola e do próprio Centro.”⁶⁵

A escola seria mantida pela “boa vontade de todos os companheiros que sabemos se interessam verdadeiramente pela grande obra de emancipação e regeneração humana”. Maria Antônia Soares, que assinava pelo Centro Feminino na qualidade de secretária, pedia ainda que companheiros e todos os grupos ajudassem no desenvolvimento da escola,

”enviando os livros, folhetos e jornais que lhes for possível. No dia 13 começam a funcionar as aulas dominicais, cujo horário é das 13 às 15 horas. As matrículas para as mesmas podem ser feitas todos os dias das 14 às 16 horas.”⁶⁶

No mesmo endereço, janeiro de 1915, surge a Universidade Popular de Cultura Racionalista, que tinha entre os professores Saturnino Barbosa e Maria Antonia Soares, secretária do Centro Feminino.⁶⁷ Em julho daquele ano, funcionava também naquele endereço, na rua da Mooca, número 292, a Escola Nova, que era dirigida por Florentino de Carvalho, e aparece em uma lista das escolas livres de cunho libertário divulgada pelo jornal A Lanterna.⁶⁸

É interessante notar ainda que a Escola Nova, uma escola para as crianças operárias, parece ser um desmembramento tanto da escola dominical do Centro Feminino Jovens Idealistas, destinado às operárias, quanto da Universidade Racionalista, que promovia aulas para operários adultos, compondo assim, no mesmo endereço, um tipo de complexo educativo de matriz anarquista, que abarcava toda a família, esta que era um elemento importante para os anarquistas, entendida não como base da moral e da propriedade privada, mas como um ambiente privilegiado da educação libertária. O diretor desse espaço, Florentino de Carvalho, nasceu na Espanha, em Oviedo, em 1889, e aos 10 anos imigrou para São Paulo com seus pais e irmãos. Foi já na cidade de São Paulo que se entusiasmou com as ideias anarquistas, deixando, com isso, seu posto de cabo da polícia. Após frequentes perseguições sofridas, partiu para a Argentina, de onde foi expulso em 1910, e, em 1912, foi expulso do Brasil, para onde retornou pouco depois de forma ilegal. De volta à São Paulo, atuou ativamente nos círculos anarquistas e no Movimento Operário, e, no ano seguinte, passou a dar aulas e dirigir a Escola Nova. Anos mais tarde, ao ser preso após as greves de 1917, Florentino de Carvalho foi qualificado pelo delegado Thyrso Martins como um “decidido e extremado propagandista anárquico”⁶⁹, que conseguiu retornar ao Brasil adotando um nome falso. O periódico Correio Paulistano publicou o relatório do delegado, que destacava:

”Em S. Paulo, intitulado-se professor de anarquismo, pregava francamente a dissolução da ordem atual das cousas pelos processos mais violentos. É do seu arquivo o boletim sobre a epígrafe SORTEIO MILITAR, que a este junto. Seus discursos visavam, preferentemente, as classes militares, que ele considerava fontes dos mais torpes vícios. Ao ser preso ultimamente, deu o seu verdadeiro nome Primitivo R. Suarez.”⁷⁰

Acompanhando os jornais anarquistas do período, Primitivo Raymundo Soares, diretor da Escola Nova, provavelmente guardava algum parentesco ou mesmo bastante proximidade com Maria Antônia Soares, secretária do Centro Feminino Jovens Idealistas com o qual a Escola Nova dividia a sede.⁷¹ Assim, além da identidade estabelecida pelas características de cunho político e pelo tipo de atividade das associações, pode-se sugerir também que os componentes das sociedades pudessem se valer de redes familiares não apenas para difundir as suas posições políticas, mas também para manter a existência

⁶⁴ Ibidem, 10 de julho de 1915. p.2.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Fanfulla, 29 de janeiro de 1915 e 10 de abril de 1915.

⁶⁸ Ver A Lanterna, 10 de julho de 1915.

⁶⁹ Correio Paulistano, 7 de setembro de 1917. p.3.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Ver CACCAVELLI, Bruno. Lazer e sociabilidade dos trabalhadores do bairro paulistano da Mooca (1900-1920). Guarulhos – São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo.

de associações. As atividades destas associações não se interligavam apenas nas práticas educativas e no compartilhamento do endereço, mas também nas questões mais gerais do movimento operário como no Comitê de Defesa Popular Contra a Guerra.

Em abril de 1915, o Comitê de Defesa Popular Contra a Guerra deu espaço à Comissão Internacionalista Contra a Guerra, que reunia as entidades sindicais e grupos militantes assíduos na cidade. Entre eles, aquelas escolas com sede no número 292 da rua da Mooca, além de outros grupos anarquistas e socialistas,

”[...]que são os seguintes: Centro Socialista Internacional, Centro Libertário, Deutschen Graphschen Verban-ies für Brasilien, Associação Universidade Popular de Cultura Racionalista, Allgemeine Arbeiterverein, Círculo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer, Grupo Anarquista Os sem Pátria da Lapa, União dos Canteiros, Federação Hespanhola, Grupo Feminino Jovens Idealistas, e os periódicos Avanti!, La Propaganda Libertaria, A Lanterna, Volskfreund.”⁷²

A Comissão Internacionalista Contra a Guerra realizou pelos bairros populares diversos comícios que entendiam ser “reuniões parciais”⁷³, preparatórias para o ápice: o grande comício que teria lugar no dia Primeiro de Maio, no largo da Sé. Entre os bairros de trabalhadores pelos quais passaram estavam a Vila Mariana, a Água Branca e o Brás. O jornal A Lanterna noticiava:

”Sempre perante boa concorrência, falaram nessas assembleias antiguerreiras os companheiros Edgard Leuenroth, Vittorio Buttis, José Romero, Francisco Calvo, Florentino Alvarez, dr. Passos Cunha, Ambrosio Chiodi e um companheiro alemão cujo nome não nos vem à mente.”⁷⁴

Alguns desses educadores e palestrantes iniciaram um esforço de ligar ainda mais os projetos educativos aos próprios ambientes de combate dos trabalhadores. Entre esses esforços vinha se solidificando, já desde dezembro de 1914, a União Geral dos Trabalhadores, que realizou a primeira reunião de propaganda na sede do Círculo Republicano Italiano, no Bom Retiro, e em seguida na Mooca, bairros em que conseguiram muitas adesões.⁷⁵

A União Geral dos Trabalhadores serviu a uma tentativa de agrupar elementos dispersos do movimento operário. Conforme informavam os redatores do jornal A Lanterna, ela deveria substituir no fortalecimento da atividade sindical as ligas de resistência dos trabalhadores, que tiveram seu funcionamento interrompido no período anterior.⁷⁶ Em dezembro de 1915, a União Geral dos Trabalhadores se instalou no endereço pertencente às escolas libertárias, número 292 da rua da Mooca, onde realizou reuniões “com o intuito de tomar importantes decisões relativas à organização operária e à campanha de reivindicações que já começou.”⁷⁷ Em janeiro de 1916, o organismo já havia promovido “várias reuniões de propaganda e de organização, entre elas a dos trabalhadores em fábricas de tecidos, que teve lugar no domingo passado, com regular ocorrência.”⁷⁸ Dois meses depois, já mantinha uma sede própria na rua Visconde de Parnaíba, número 125, local que mais próximo da região central da cidade. Esse organismo teve uma importância extremamente relevante para a impulsão da greve geral de 1917, no qual as conexões entre educação e combate ainda estavam sendo ressaltadas.

A greve geral de 1917 e sua relação com as intentonas educativas entre os trabalhadores

Em 1917 a União Geral dos Trabalhadores se fortaleceu ainda mais, e lançou as bases de acordo que possibilitariam o surgimento das ligas operárias de bairro, superando as divisões por ofícios e reunindo trabalhadores sem distinção de sexo ou função, indicações que tanto refletiam o fato de que os operários ligados ao grupo eram em grande maioria residentes da Mooca e do Belenzinho quanto respondia a uma necessidade de dinamizar a organização de diferentes grupos de trabalhadores. Além das medidas e resultados nomeados como “fins imediatos”⁷⁹, como a luta pela jornada de oito horas, as melhorias das condições de trabalho e de moradia, a igualdade de salários entre homens e mulheres, o fim do trabalho infantil e das longas jornadas noturnas, os agrupamentos regionais também deveriam aderir

⁷² A Lanterna, 1 de maio de 1915. p.2.

⁷³ Idem.

⁷⁴ A Lanterna, 1 de maio de 1915. p.2.

⁷⁵ Idem, 1 de maio de 1915.

⁷⁶ Ibidem, 29 de janeiro de 1916.

⁷⁷ Fanfulla, 11 de novembro de 1915. p.3.

⁷⁸ A Lanterna, 29 de janeiro de 1916. p.1.

⁷⁹ Guerra Sociale, 26 de maio de 1917. p.1.

ao antimilitarismo, ao anticapitalismo, à ação direta e aos horizontes da luta de classes, objetivando o fim do sistema político e econômico vigente. Para os aderentes do organismo, as ligas deveriam:

”[...] servir-se-á unicamente, para o trabalho de propaganda e educação dos trabalhadores e sua luta contra o capitalismo, dos meios próprios de ação direta, tais como a greve parcial e geral, a boicotagem, a sabotagem, o label, a manifestação pública, etc., variáveis, segundo as circunstâncias de lugar e do momento.[...] A Liga Operária do..., sem abandonar a defesa, pela ação direta, dos rudimentares direitos políticos de que necessitam as organizações econômicas, não pertence a nenhuma doutrina estatal ou religiosa, não podendo tomar parte coletivamente em eleições, manifestações religiosas, nem podendo qualquer sócio servir-se dessa qualidade para se manifestar.[...] Sendo a luta ao capitalismo a sua ação essencial, a Liga Operária do... não permitirá em seu seio qualquer obra de beneficência, mutualismo ou cooperativismo, cujos encargos pesam sempre sobre os poucos recursos dos trabalhadores, desviando-os do seu único objetivo, que é trabalhar pela emancipação.”⁸⁰

Como é possível notar, as medidas mesclavam os interesses econômicos de classe em geral, mas dentro dos objetivos e táticas políticas libertárias de ação direta e socialista, mas também visando a citada “redenção humana” por meio da educação e difusão cultural entre os trabalhadores. Esse projeto era continuado e inflamado pelas organizações políticas ou de organização como o Comitê de Defesa Proletária, O Comitê de Agitação contra a Carestia de Vida, a Aliança Anarquista e o Centro Feminino Jovens Idealistas onde convocavam palestras, seguidas de assembleias, revelando a forte importância entre educação e reivindicação. Para conta o historiador Luigi Biondi,

”[...] na noite de 2 de Junho de 1917, a União dos Operários em Fábricas de Tecidos convocou os trabalhadores do setor para uma assembleia na sede da entidade, na rua da Mooca, 292. Nos dias subsequentes, as reivindicações de aumento preencheram a pauta de várias reuniões [...] Emma Mennocchi, integrante do Centro Feminino Jovens Idealistas, tem participação ativa: grita contra os tiras que espancam as mulheres e as detêm. Os militantes anarquistas se organizam para levar comida às que erguem barricadas e resistem no interior da fábrica de tecidos.”⁸¹

Daí em diante, o julho do ano de 1917 foi marcado por um intenso fôlego grevista que tomou conta da cidade de São Paulo. As paralisações de duas fábricas têxteis do Cotonificio Rodolfo Crespi, buscando melhores condições de trabalho e salário, somado ao caráter repressivo das autoridades aos movimentos reivindicatórios urbanos que dariam fim à vida do militante anarquista e sapateiro José Martinez, representavam o início de uma onda reivindicativa de grande proporção. Na semana de nove a dezesseis de julho, tais paralisações acompanhadas de intensas manifestações revelavam uma intensidade inédita, se alastrando posteriormente para cidades do interior paulista e outras regiões como o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul.⁸²

Após as negociações diretas entre patrões e militantes e o fim da greve, a repressão continuava nos meses seguintes prendendo militantes e dissolvendo organismos sindicais, políticos e educativos.⁸³ Mesmo assim, as atividades educativas retornavam, tentando continuar seus projetos entre a classe trabalhadora e impulsionar as ações grevistas. Quem noticiava e tentava dar corpo a esse projeto eram os militantes em torno do jornal *A Plebe*:

”A greve está arrefecida, mas não extinta. A alma coletiva está de atalaia. Dentre em breve o seu grito soará bem alto. Os direitos do povo hão de prevalecer. A greve é tão necessária no mundo social como os vulcões no mundo físico. [...] Reintegrar o homem nos seus direitos afrontados pela tirania, proclamar a igualdade moral, política e econômica de todas as criaturas racionais, expungir da face da terra todos os privilégios odiosos, é o que cumpre fazer.”⁸⁴

Nessa empreitada, além das campanhas contra a perseguição e prisão dos ativistas envolvidos, como foi o caso de Edgard Leuenroth, outras medidas tentavam mostrar que os militantes conheciam a vida

⁸⁰ Idem.

⁸¹ BIONDI, Luigi. “A greve geral em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas.” *Cadernos AEL: imigração*, São Paulo, v.15, n.27, p.259-310, 2009. p.288.

⁸² Para acompanhar a greve geral de 1917 ver LOPREATO, Christina. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas.

⁸³ Ver SANTOS, Kauan Willian. *Derrubando fronteiras: a construção do jornal A Plebe e o internacionalismo operário em São Paulo (1917-1920)*. História e Cultura, São Paulo, v. 4, p. 122-139, 2015.

⁸⁴ *A Plebe*, 1 de setembro de 1917. p.2.

cotidiana dos bairros operários e, para além das greves propriamente ditas, propunham ações diversas no intuito tanto de melhorar a vida dos personagens que compunham essas regiões quanto para garantir suas tiragens e inserção nos ambientes populares, incluindo as palestras já mencionadas, mas também apresentações teatrais e festas:

”Grande festival Pró-A Plebe promovido pelo Grupo Dramático Emílio Zola. No salão Celso Garcia, à rua do Carmo, 23. Hoje, Sábado, 20 de março, às 20 horas. Programa: 1ª Parte – Orquestra; 2ª Parte – Conferência sobre a questão social; 3ª Parte – Representação do drama em 3 atos Santa Inquisição; 4ª Parte – Quermesse e baile familiar.”⁸⁵

Nos eventos, o objetivo educacional era acompanhado de conferências, peças teatrais e festas, reforçando uma intenção de promoção intelectual, mas servindo também como atração para as famílias dos alunos, uma combinação bastante cara aos anarquistas e socialistas, que pensavam as atividades de lazer de forma que englobassem ou partissem da família operária. O baile e a quermesse estavam presentes, como visto, mas sempre antecedidos de conferências, peças teatrais – cuja temática era a da crítica social –, recitais e músicas, o que respondia às exigências de difusão cultural.⁸⁶

Essa tendência, nas décadas seguintes, com a contínua repressão e a instrumentalização do Estado, na era Vargas, aos sindicatos, fez com que a educação e a tentativa de difusão cultural se tornasse um dos elementos centrais para as correntes políticas progressistas como o socialismo, comunismo e anarquismo, onde criaram centros culturais para resistir aos próximos regimes autores. No entanto, voltar aos seus vetores de combate junto a essa intenção foi um desafio para esses grupos e partidos que tiveram que contar com outros problemas e embates.⁸⁷

Conclusão

A partir de uma análise dos grupos e escolas racionalistas, a partir de suas relações com os ambientes sindicais e trabalhistas e com seus militantes foi possível revelar algumas particularidades. Primeiramente é possível afirmar que as escolas racionalistas e os projetos educativos dos militantes anarquistas, sindicalistas e socialistas eram parte de um projeto internacional transmitido transnacionalmente, através do fenômeno da imigração mas também por meio da circulação em massa das ideias e experiências a partir da expansão das ferrovias e tipografia, desde metade do século XIX. Contudo, esses projetos faziam parte de uma necessidade concreta que os militantes enxergaram em meio suas atividades entre os trabalhadores na cidade de São Paulo. As ideologias e decisões políticas internacionais eram adaptadas e também debatidas nos espaços trabalhistas na cidade, redimensionadas às culturas da classe operária.

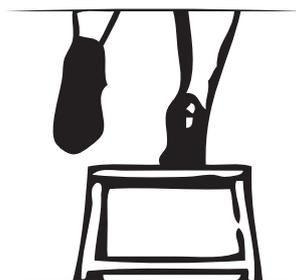
Em segundo lugar, vimos que não podemos ver as intenções educativas desses ativistas e trabalhadores, nesse período, fora dessa militância sindical e combativa. Os projetos educativos faziam parte de visões que almejavam tanto derrubar o sistema político e econômico vigente, mas também sustentar um novo sistema posterior. Essa educação deveria também vincular o trabalho manual e técnico ao intelectual e desvincular uma ideia educativa difundida pelas classes altas e a Igreja, vista pelos autoproclamados racionalistas como alienadora. Nessa perspectiva, não só as reuniões ou congressos sindicais seriam espaços para o trabalhador desenvolver sua suposta consciência de classe ou lutar pela melhoria de sua vida material, mas uma nova educação, essa reflexiva de sua realidade, seria essencial pela sua própria redenção. Os espaços combativos se intercalavam e se imbricavam com os próprios projetos e intenções educativas, ideia e experiência cara aos militantes e trabalhadores da Primeira República em bairros operários como os da capital de São Paulo.

⁸⁵ A Plebe, 20 de março de 1919. p.4.

⁸⁶ Ver CACCAVELLI, Bruno. Os entroncamentos entre política e lazer na experiência do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer (1910-1915). Hydra - Revista Discente de História da Unifesp, Guarulhos-SãoPaulo, n.1, v. 1, p. 142-166, 2016.

⁸⁷ GONÇALVES, Leandro; SILVA, Érica Sarmiento da; VIANNA, Marly. Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

Biblioteca Anarquista



Kauan Willian dos Santos; Bruno Caccavelli
EDUCAÇÃO E PROTESTO
NO RASTRO DAS ESCOLAS E GRUPOS RACIONALISTAS E SINDICAIS E AS
REIVINDICAÇÕES OPERÁRIAS EM SÃO PAULO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XX
2016

Revista Espaço Plural

Resumo: O tema da educação ou das propostas e práticas educativas elaboradas e realizadas pelos militantes sindicalistas, libertários e socialistas na Primeira República se tornou emergentes com as novas perspectivas no interior da História do Trabalho. Tais objetos de pesquisa ainda se chocam com os recentes anseios historiográficos que visam entender o movimento operário a partir de trajetórias individuais e acontecimentos micro-históricos, também através de redes que ultrapassam fronteiras nacionais. Nesse sentido, o presente artigo busca mapear algumas propostas e realizações pedagógicas provindas do movimento operário em São Paulo, primeiramente entendendo-as como vertentes ideológicas circuladas internacionalmente, mas principalmente em uma perspectiva local, relacionando essas práticas com as próprias culturas de classe, especialmente políticas, nos ambientes trabalhistas na cidade.

bibliotecaanarquista.org